

Reorganização da rede Politécnico casa com quem?

A reorganização da rede de Ensino Superior foi uma questão sempre presente numa sala que juntou politécnicos e universidades. O ex-ministro da Educação, Marçal Grilo, abordou a questão diretamente. "Importa requalificar os cursos e a rede", disse, apresentando como caminho o seguido pelas universidades de Lisboa e Técnica de Lisboa, cuja iniciativa de fusão numa nova universidade partiu delas próprias. "É uma mais-valia para o processo. Em Portugal vivemos numa cultura de dependência. Estamos sempre à espera que o Governo diga como se faz. Isto mostra independência. Era importante que as instituições se entendessem para proporcionar um melhor ensino do que aquele que damos".

Mais à frente, seria mais claro: "É preciso clarificar as formações entre politécnicos e

universidades. Os politécnicos têm de pensar melhor o que são os seus cursos. Os cursos devem ter uma natureza diferente. Se não a tiverem, não se justificam". Logo de seguida, o presidente do Politécnico, Carlos Maia, não escondeu o desacordo com esta posição, pois "há dilemas e dificuldades sem respostas absolutas. Os problemas com que se debate o ensino superior são muito complexos e não há uma solução global".

Na abertura, o presidente do Conselho Geral do IPCB, Pedro Veiga, referiu que a reorganização é necessária "mas é preciso reconhecer o papel fundamental que o Ensino Superior tem no desenvolvimento do País e até do Interior do País". A secundá-lo, o presidente da Câmara, Joaquim Morão, deixou o aviso: "Estamos muito atentos à forma como vai ser feita a reorganização".

Bolonha no IPCB

O trabalho desenvolvido no Politécnico de Castelo Branco foi iniciado em 2005 e desenvolvido até 2011 nas diferentes escolas. Em 2009 foi definida uma estratégia comum e criado um grupo de trabalho dirigido pela Coordenadora Institucional do Processo de Bolonha, Ana Ramos.

Foi este grupo, que inclui um docente de cada escola, que organizou o Encontro Nacional da semana passada, no qual foi publicado um conjunto com os resultados de várias instituições presentes, entre elas o Politécnico de Castelo Branco.

Em termos de mudanças já operadas na instituição, à luz de Bolonha, a mais difícil de concretizar prende-se com a organização do trabalho autónomo dos alunos. Idealmente, este trabalho deveria ter um determinado número de horas por semana e unidade curricular. Porém, os alunos apenas dedicam mais horas às unidades curriculares aquando dos momentos de avaliação. Perspetiva-se, por isso, que os docentes devem fornecer mais informação (ex: planos de aulas da semana, atividades a desenvolver e tipologia) aos alunos para realizarem esse trabalho, pois a boa utilização destas horas é decisiva para os resultados escolares.

A promoção e valorização da criatividade por parte do aluno é outro aspeto decisivo, pelo que têm sido oferecidas oportunidades dos alunos participarem em projetos,

conursos e outras iniciativas, o que é reconhecido pelos estudantes. Já em termos de mobilidade, os resultados mostram que cresce em termos de alunos que chegam de outros países, mas têm de ser incentivada junto de alunos e professores da instituição.

A incorporação de línguas estrangeiras é uma realidade em todos os cursos, a inovação em recursos de e-learning está em curso e foi mesmo feita formação de docentes na área. O repositório científico é uma realidade. A hipótese do aluno ter uma palavra a dizer na construção do seu currículo de formação é crescente (há mais opções de outras áreas que não a do curso de formação), bem como a ligação entre as competências a desenvolver e as que são exigidas no mercado de trabalho.

No Politécnico procura-se prevenir o absentismo, o insucesso escolar e o abandono, designadamente através do regime de tutorias. Mas este regime tem tido aplicação de forma desigual nas diferentes escolas. Os estágios, a formação em empreendedorismo, a participação em concursos (ex: Poliemprende), os espaços de trabalho para alunos e os recursos bibliográficos aumentaram. A creditação de atividades extracurriculares é hoje mais notória, existindo também formas de acompanhar os diplomados. Já o Sistema Interno de Garantia de Qualidade será implementado em 2012.

VT

Concretização do processo de Bolonha em Portugal

Ou há competências ou 'morrem' todos!

Castelo Branco recebeu a conferência nacional do processo de Bolonha no Ensino Superior. As instituições fizeram muitas alterações mas ainda há muito por fazer, sobretudo por parte de professores e alunos.

O Politécnico de Castelo Branco (IPCB) acompanhou as outras instituições de ensino superior portuguesas no que diz respeito à implementação das mudanças decorrentes da Declaração de Bolonha e até foi mais longe em alguns aspetos. Mas se o processo de adaptação terminou em 2011, a verdade é que ainda há um importante caminho a percorrer, cujos passos estão identificados.

Esta é uma das ideias fortes do Encontro Nacional Concretização do Processo de Bolonha em Portugal, que decorreu a 28 de Março, no Auditório da Superior Agrária, em Castelo Branco, e reuniu dezenas de participantes de 21 instituições de ensino superior portuguesas, que apresentaram o trabalho desenvolvido, as vantagens, as dificuldades e os passos seguintes.

Tal como aconteceu com a generalidade das instituições, entre 2004 e 2011 todos os planos curriculares dos cursos foram estruturados de acordo com o sistema de créditos europeu (ECTS), o que obrigou a várias reformulações. As instituições orientaram o seu trabalho no sentido de promover a mobilidade internacional de estudantes e docentes, incorporaram uma língua estrangeira em todos os cursos, inovaram em termos de recursos pedagógicos para atingirem novos públicos e apoiar os tradicionais (ex: plataformas de e-learning), apostaram no trabalho experimental, na divulgação científica, na promoção do sucesso escolar e no apoio



Logo na abertura foi valorizado o papel do IPCB na região

à inserção dos alunos na vida ativa.

O que se sabe e o que importa saber

Mas se estas mudanças eram decisivas, havia outra ainda mais decisiva: a mudança para relação de ensino-aprendizagem em que o aluno é o centro. O importante é o que o aluno aprende (conhecimentos), mas também o que sabe fazer ao pôr em prática aquilo que aprende (competências), resolvendo diferentes situações

de forma eficaz. E a este nível é que ainda parece haver muito por fazer.

O problema do desenvolvimento de competências foi o tema central da intervenção de Pedro Lourtie, ex-secretário de Estado do Ensino Superior. "Hoje dizemos que os alunos chegam ao Ensino Superior com cada vez menos competências. Ora, a evolução científica e tecnológica foi brutal. Os melhores alunos de hoje são sem dúvida melhores que os melhores do meu tempo. A questão é a média. Portanto, o Ensino Superior tem de

se preocupar muito com o desenvolvimento de competências", explicou.

No entender daquele especialista é preciso fomentar a autonomia dos alunos na aprendizagem. Considera que o conhecimento científico é fundamental, mas também o são competências como o trabalhar em grupo, o liderar uma equipa ou o ser capaz de organizar um projeto e de o apresentar à administração de uma empresa. É nesse sentido que defende um alinhamento construtivo entre objetivos de aprendizagem, métodos de ensino-aprendizagem e métodos de avaliação.

A larga maioria dos alunos estrutura a aprendizagem de forma a maximizar os resultados. O importante é o que sai no teste e não o que é preciso saber. "Apenas uma minoria está interessada em aprender. O que importa é obter o diploma e depois logo se vê". Ora, é muito diferente uma aprendizagem intrínseca, profunda, que parte do interesse do aluno, de uma aprendizagem extrínseca, superficial, que é feita a partir de pressão externa.

Pedro Lourtie considera que as competências assumem um papel crescente, requerem a existência de oportunidades para o seu exercício e a devem ser valorizadas em termos de avaliação. "O paradigma mudou, pois está centrado no aprendente e não no docente. Mas esta conceção está longe, muito longe de estar concretizada", concluiu.

Vitor Tomé

As notas de Marçal Grilo

Marçal Grilo deixou um conjunto de avisos em Castelo Branco, que decidi organizar em vários pontos. Reproduzimos quatro dessas ideias:

- Hoje não basta ser engenheiro, médico ou economista. É necessário ter "general education". É o que tem Harvard, no 1º e 2º anos de qualquer curso. Os estudantes são obrigados a fazer um conjunto de disciplinas que sai muito fora da sua área de especialização.

- Os estudantes não se devem deixar enganar, quanto maior for a formação melhor. A TV mostra que as vezes é perigoso tirar um curso superior porque se fica desempregado. A pergunta deve ser feita ao contrário: e se não tivessem essa formação, o que seria?

- O diplomado que faz os três ciclos torna-se um cidadão do mundo. Pode trabalhar em qualquer sítio. E têm de olhar para o mundo como o seu espaço, nos cinco continentes, o que é algo relativamente novo para os portugueses a este nível. Temos de dizer aos nossos jovens: Olhem para o mundo. Isso é importante para vocês e para o país.

- Quanto maior é a autonomia das instituições maior é a responsabilização. Não tenham medo de arriscar, de ir o mais longe possível no grau de autonomia. Isso é uma garantia de que são capazes de se gerir, de se relacionar com outras instituições, de resolver os seus problemas.